

As Facetas do Sr. Darcy nas Adaptações Cinematográficas de Orgulho e Preconceito

Fabiana Kanan Oliveira*

RESUMO: *Orgulho e Preconceito*, obra-prima publicada em 1813 que retrata a sociedade inglesa rural do final do século XVIII, foi a obra literária mais adaptada de Jane Austen. O presente artigo visa a análise de quatro adaptações cinematográficas, sendo o foco principal o personagem central masculino, Sr. Darcy, que em cada uma dessas adaptações aparece diferente, uma vez que uma adaptação é sempre uma interpretação resultante de fatores como o contexto histórico da época, o roteiro e as escolhas do diretor. Os filmes escolhidos se dividem em duas categorias: adaptações fiéis, *Orgulho e Preconceito* (1940 e 2005); e adaptações livres, como a versão “Bollywoodiana” *Noiva e Preconceito* (2004) e *O Diário de Bridget Jones* (2001) – segundo CARTMELL (2010, p. 5). Entre a obra original de Austen e as quatro adaptações cinematográficas escolhidas, existem tanto pontos convergentes quanto divergentes, se levarmos em consideração o personagem central em questão, o Sr. Darcy. Quase todas as adaptações mantêm a arrogância e superioridade social de Darcy como sendo suas características mais marcantes. Através das quatro adaptações a análise irá mostrar o quanto as diferenças encontradas no protagonista mostram um Sr. Darcy feito *sob medida* para cada filme, em consonância com os fatores contexto histórico, roteiro, escolhas do diretor, entre outros. Dessa forma temos o Sr. Darcy simpático, o distante, o inexpressivo e o melancólico. O estudo terá o suporte de autores como Hutcheon (2006), McFarlane (1996), Troost (2007), dentre outros.

Palavras-chave: literatura, adaptações cinematográficas, Jane Austen, Orgulho e Preconceito, Sr. Darcy.

ABSTRACT: *Pride and Prejudice*, a masterpiece published in 1813 that portrays the rural English society in the end of the 18th century, was the Jane Austen’s most adapted literary work. The present article aims at analysing four movie adaptations, being the main focus the central male character, Mr. Darcy, who appears differently on each of these adaptations, once an adaptation is necessarily an interpretation originated from elements such as the historical context, the screenplay and the director’s choices. The chosen movies are divided in two categories: faithful adaptations, *Pride and Prejudice* (1940 e 2005); and free adaptations, like the “Bollywood” version *Bride and Prejudice* (2004) and *Bridget Jones’s Diary* (2001) – according to CARTMELL (2010, p. 5). Comparing Austen’s original narrative and the four selected movie adaptations, there are convergent and diverging points, if considering the central character, Mr. Darcy. Almost all adaptations show his arrogance and social superiority as being the most visible traits, however the analysis of these four adaptations is going to show how the differences found in the leading actors display a *tailored* Mr. Darcy to each movie, which agrees with the elements mentioned before, historical context, screenplay, director’s choices, among others. This way, there is the Likeable, the Distant, the Inexpressive and the Melancholic Mr. Darcy. As theoretical support, this article is anchored in authors such as Hutcheon (2006), McFarlane (1996), Troost (2007), among others.

* Mestranda do Curso de Letras na Uniritter Laureate Universities.

Palavras-chave: literature, movie adaptations, Jane Austen, Pride and Prejudice, Mr. Darcy.

“*What a capital fellow.*” (*Orgulho e Preconceito*, 2005, Sr. Gardiner, tio de Elizabeth Bennet, referindo-se ao Sr. Darcy)

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo visa a análise de quatro adaptações da obra literária *Orgulho e Preconceito*, considerado a obra-prima de Jane Austen, publicada em 1813 e que retrata a sociedade inglesa rural do final do século XVIII. O foco desta análise é o personagem principal masculino, Sr. Darcy, que em cada uma dessas adaptações aparece diferente, já que cada adaptação é sempre uma interpretação resultante do contexto histórico da época, do roteiro e das escolhas do diretor, para mencionar alguns. Os filmes escolhidos se dividem em duas categorias: adaptações da obra que pretendem ser fiéis e mantendo inclusive o mesmo título da obra, *Orgulho e Preconceito* (versões de 1940 e 2005); e adaptações mais soltas, como a versão “Bollywoodiana” *Noiva e Preconceito* (2004) e a versão bem mais moderna, *O Diário de Bridget Jones* (2001).

O tema principal da obra, mantido também em todas as adaptações, são os relacionamentos e a procura por um casamento. Jane Austen inicia sua narrativa com a célebre frase: “É uma verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro, possuidor de uma grande fortuna, deve estar em busca de uma esposa”. E dentro deste tema, todas as situações que representam o orgulho e o preconceito, não apenas dos dois personagens centrais – Elizabeth Bennet e Fitzwilliam Darcy – mas com outros personagens coadjuvantes. E tenta transcender o preconceito causado pelas primeiras impressões (título inicialmente escolhido por Austen, mas que foi abandonado), mostrando como o autoconhecimento pode interferir nos julgamentos feitos a outras pessoas.

De modo bem resumido, o enredo mostra a família Bennet, que possui cinco filhas solteiras e encontra-se numa situação difícil, pois vivem em uma época em que mulheres não podem herdar os bens da família. A preocupação principal de uma mãe era ver as filhas bem casadas e existia uma verdadeira perseguição aos pretendentes. O que Elizabeth Bennet, uma das cinco filhas e personagem principal da obra, também chamada de Eliza ou simplesmente Lizzy, considera um absurdo. Quando um jovem de família abastada aluga uma mansão perto da casa dos Bennet, a Sra. Bennet enxerga a possibilidade de casar uma de suas filhas. É assim que o Sr. Bingley e seu melhor amigo, Sr. Darcy entram na narrativa, como possíveis pretendentes. Enquanto Sr. Bingley é visto com bons olhos, Sr. Darcy é tido como orgulhoso e arrogante. Lizzy o abomina por ter ferido seu orgulho na primeira vez que se encontraram. Sr. Darcy apesar da má primeira impressão e superioridade social, se encanta por Lizzy, sem que ela saiba do fato. E a partir daí sua relação será uma sequência de desentendimentos, até que os acontecimentos possam revelar o verdadeiro caráter do Sr. Darcy e a desconstruir o preconceito e também orgulho de Lizzy.

Antes de mergulhar fundo na análise do personagem Sr. Darcy nas adaptações citadas, creio ser importante apresentar um pouco do universo das adaptações e a crença comum de que o filme nunca é tão bom como o livro. Said (apud CARTMELL 2010, p.39) afirma que, “interpretar Jane Austen depende de *quem* faz a interpretação, *quando* é feito e não menos importante, *onde* é feito”¹. Todas essas escolhas vão influenciar no resultado de uma adaptação e; particularmente, para as quatro adaptações escolhidas, o contexto histórico vai desempenhar um papel crucial. Por isso que as adaptações de 1940 e 2005, apesar de se enquadrarem na categoria das adaptações fiéis são tão diferentes uma da outra.

A partir da visão de McFarlane (1996, p. 15), que aborda a questão da fidelidade à obra original e o desejo impossível do espectador de que a adaptação esteja de acordo com a sua leitura pessoal, temos que insistir na fidelidade ao texto original é algo desnecessário. Sendo esta postura um critério impróprio ou inútil para a compreensão ou para o julgamento. Mesmo os espectadores mais intelectualizados, ao se confrontarem com a versão cinematográfica do seu querido romance ou peça teatral, não consigam reprimir um desejo de interpretação fiel da *própria visão do texto literário*.

Por fim, Cartmell, 2010, p. 95, traz outro ponto de vista que consegue valorizar o status das adaptações livres: “Quanto menos elas (as adaptações) se parecem com a estória descrita por Austen, menos serão vítimas das conclusões improdutivas ‘não tão bom quanto o livro’, enquanto são mais suscetíveis a acusações por desvalorizar, desonrar ou banalizar a narrativa de Austen”. Provavelmente não é a adaptação livre que vai acarretar esse tipo de acusação, mas sim qualquer adaptação que não seja criativa e original. Apesar das muitas diferenças com a narrativa da obra original, *Orgulho e Preconceito*, as adaptações *O Diário de Bridget Jones* e *Noiva e Preconceito* foram filmes comercialmente bem sucedidos, corroborando a perspectiva de Cartmell.

2 O CONTEXTO HISTÓRICO DAS ADAPTAÇÕES

A adaptação mais antiga das quatro é *Orgulho e Preconceito* de 1940, dirigida por Robert Z. Leonard e teve o roteiro feito por seis pessoas, com destaque para Aldous Huxley e Jane Murfin (dramaturga americana). Segundo a análise de Troost, o filme em preto e branco revela claramente a tendência ao cavalheiro de Hollywood. Foi o primeiro trabalho de Austen a ser filmado e tendo aparecido no início da Segunda Guerra Mundial, tinha intenção de fortalecer a aliança britânica e americana em um momento frágil. Huxley transforma a Inglaterra do filme em um lugar digno de ser protegido e os personagens em pessoas com quais os americanos possam se identificar e se preciso, lutar lado a lado. O diretor prefere localizar o filme nos anos 1830 para que o figurino pudesse ser mais opulento, ao estilo de *E o Vento Levou*. O problema de classe é retirado, Elizabeth Bennet se declara classe média e Pemberley, uma grande propriedade em Derbyshire que tornaria óbvio as origens de classe alta de Darcy, nunca é mostrada.

Orgulho e Preconceito de 2005, dirigido por Joe Wright e com roteiro de Deborah Moggach, evoca um estilo mais realista para dar uma sensação de movimento. A encenação é

¹ Como a maioria das referências estavam em ingles, todas as traduces usadas neste artigo são de minha autoria.

levada para 1797, ano em que Austen escreveu *First Impressions*; sem dúvida, para evitar comparações com o figurino do seriado feito pela BBC em 1995. Segundo a autora, o visual do filme é contemporâneo, apesar do figurino e locações do período e a audiência alvo é o público jovem. A sátira de Austen desaparece para dar lugar a frases jocosas ou maliciosas, ditas por personagens cômicos com papéis menores, a exemplo do primo das irmãs Bennet, o Sr. Collins. Essa adaptação traz principalmente a perspectiva de Elizabeth Bennet, fazendo com que todos os outros personagens, incluindo o Sr. Darcy, tenham menor importância e menos aparições.

Noiva e Preconceito, a versão indiana de *Orgulho e Preconceito*, de 2004 – dirigido por Gurinder Chadha e com roteiro escrito por ela própria e seu marido, Paul Mayeda Berges – mescla dança e música ao estilo *Bollywood* e apresenta bem livremente os eventos que pontuam o romance. A produção teve fundos do Conselho Britânico de Filmes e portanto, a estipulação de que a maior parte do filme deveria acontecer no Reino Unido. Outras locações incluem o Templo Dourado de Amritsar e as praias de Goa na Índia. Poucos personagens têm o mesmo nome do original, Elizabeth Bennet será Lalita Bakshi e Fitzwilliam Darcy será William Darcy. A maior parte dos nomes são indianos e as diferenças culturais do casal protagonista serão imediatamente contrastadas. Sentenças clássicas do original são modernizadas, por exemplo, quando Lalita usa a frase célebre que inicia o livro dizendo: “Todas as mães pensam que um rapaz solteiro cheio da nota deve estar querendo (na verdade, no inglês é usado “*shopping for a wife*”) uma esposa”. Não apenas o visual da adaptação é contemporâneo, como as relações e os costumes. Assim como o filme de 2005, acredita-se que a audiência alvo é o público jovem e recebeu críticas às atuações, principalmente de Martin Henderson, por ser um Mr. Darcy apático. De forma geral, teve boa aceitação do público e comercialmente, foi um sucesso.

O Diário de Bridget Jones de 2001, dirigido por Sharon Maguire é uma adaptação do livro de mesmo título de Helen Fielding e ambos usam elementos da narrativa de Jane Austen, como a compulsão da mãe por casar a filha, pela inicial antipatia entre o casal protagonista, pelo preconceito causado pela inimizade entre Darcy e Daniel Cleaver (que representa o Sr. Wickham) e pelo próprio nome do personagem principal masculino que é uma referência explícita à obra *Orgulho e Preconceito*, Mark Darcy. Helen Fielding também foi responsável pelo roteiro, juntamente com outros dois colaboradores. Outra referência é a escolha pelo ator, Collin Firth, muito conhecido do público, principalmente o britânico, com sua interpretação de Fitzwilliam Darcy para o seriado da BBC, de 1995. Das duas últimas adaptações, essa com certeza é a mais livre, a maior parte dos eventos não equivalem às tradições do original. O ambiente, figurino e linguagem são contemporâneos.

3 QUATRO ADAPTAÇÕES, QUATRO DARCIES

Retomando a afirmação de Said, quando ele afirma que, “interpretar Jane Austen depende de *quem* faz a interpretação, *quando* é feito e não menos importante, *onde* é feito”, considero que todos esses fatores são cruciais para a construção de um personagem, porém é claro que muitas vezes um exerce maior influência que os outros. Exatamente por essa razão temos quatro adaptações de uma mesma obra – mesmo uma delas sendo uma adaptação bem livre e as outras mais atreladas aos eventos do original de Austen – e quatro versões de Sr.

Darcies. Quase todos os personagens apresentarão diferenças, mas as diferenças na construção do personagem central masculino, com certeza é a mais significativa delas. Elizabeth sempre será inteligente, perspicaz, voluntariosa, uma mulher à frente de seu tempo. Mas Sr. Darcy é um personagem diferente, especial até; porque ele, diferentemente de Lizzy, só se deixa conhecer ao longo da narrativa. Mas, vamos aos Darcies!

Fitzwilliam Darcy, ou mais conhecido por Sr. Darcy ou simplesmente Darcy, é um dos personagens masculinos mais conhecidos no mundo. Na obra original de Jane Austen, *Orgulho e Preconceito*, ele é descrito como reservado no âmbito social, distante, arrogante, antipático, insolente e até mesmo detestável aos olhos de Elizabeth Bennet. Sua dignidade e retidão moral são vistos pela sociedade como orgulho excessivo em virtude de seu status social. Em muitas situações da narrativa Sr. Darcy causa uma impressão ruim, porém, seus amigos o estimam enormemente. Enquanto Lizzy é mostrada como a figura simpática, o verdadeiro caráter do Sr. Darcy só começa a ficar mais aparente nos capítulos finais do livro.

Um pouco sobre a narrativa do original e sobre o caráter do nosso herói, antes de falar separadamente sobre cada adapção. Sr. Darcy é um cavalheiro extremamente rico e proprietário de Pemberly. Ele conhece Elizabeth Bennet em um baile e a rejeita, recusando-se de dançar com ela e depois, fazendo um comentário depreciativo, o qual ela escuta sem que ele saiba. Nasce aí uma grande antipatia por parte de Lizzy, mas gradualmente Sr. Darcy torna-se atraído por ela, apesar dos sentimentos antagônicos devido à sua superioridade. Lizzy conhece Sr. Wickham (grande inimizado de Darcy), que ajuda a confirmar as impressões negativas em relação à Darcy, que supostamente o teria desgraçado. Quando Lizzy descobre a interferência de Darcy no relacionamento de sua irmã Jane e Mr. Bingley, ela passa a odiar Darcy intensamente.

Darcy declara seu amor por Lizzy pela primeira vez, o faz de uma maneira não muito cavalheiresca, já que frisa a grande diferença de status social entre eles e as impropriedades da família dela, o que ela encara como um insulto. Possivelmente, Darcy considera suas palavras como um elogio, algo como “mesmo me opondo à sua família e posição social, seus encantos são tão maravilhosos que estou passando por cima de tudo isso”. Lizzy recusa o pedido e aproveita para trazer à tona tudo que guarda contra ele – o fato de ter separado Jane e o Sr. Bingley, de ter prejudicado o Sr. Wickham, além de acusá-lo de ser arrogante, egoísta, convencido e de desdenhar os sentimentos dos outros. Apesar de seu espanto ser evidente, Darcy despede-se e deseja saúde e felicidade a Lizzy.

Então, Darcy escreve uma carta para Lizzy na qual defende sua honra, por fim revelando seus motivos para interferir com a relação de Jane e Sr. Bingley e finalmente desmascara Sr. Wickham, expondo inúmeras situações que atestavam seu mau caráter, especialmente quando tentou seduzir e fugir com sua irmã de apenas 14 anos, Georgiana. Apesar da raiva por ser rejeitado por Lizzy, Darcy sente-se incomodado com a imagem negativa que descobriu possuir através dela e empenha-se em rever suas atitudes. Meses depois, quando tem a surpresa de encontrar Lizzy em Pemberley, a atitude de Darcy parece diferente e a desarma, ao ser extremamente gentil e agradável com ela e com seus tios.

Ainda em Derbyshire, chega a notícia de que a irmã mais nova de Lizzy, Lydia, tinha sido vítima de Wickham e que haviam fugido. Darcy sente-se responsável por não ter alertado Lizzy e suas irmãs sobre o verdadeiro caráter de Wickham. Sem que Lizzy saiba, ele sai à procura do casal e, ao encontrá-los, banca o casamento deles, salvando Lydia e toda a família da desgraça social. Darcy então libera o Sr. Bingley para voltar a Longbourn e cortejar Jane,

aceitando que estava equivocado a seu respeito. Lizzy descobre por um descuido de Lydia que Darcy havia promovido seu casamento. Finalmente, percebe o quanto estava equivocada em relação ao caráter de Darcy e o quanto ele havia mudado desde a primeira proposta de casamento. Então na segunda tentativa, Lizzy aceita o pedido de casamento de Darcy, “*o último homem no mundo com quem eu poderia ser convencida a me casar*”, palavras que proferiu em resposta ao primeiro pedido. (Jane Austen, 2012, p. 119)

3.1 Mr. Darcy de 1940, o Simpático

O Sr. Darcy desta adaptação feita pelo Estúdio MGM (*Orgulho e Preconceito* de 1940) é interpretado por Laurence Olivier e exibe um Sr. Darcy bem distante da descrição feita por Jane Austen no original. Ele é cavalheiro, gentil e até simpático, o que vai de encontro com a proposta do filme. Essa versão Hollywoodiana, segundo a análise de Troost, tinha o objetivo de fortalecer a aliança britânica e americana. Existiu uma preocupação em evocar um passado agradável e relembrar o charme das tradições rurais inglesas, mostrando que essa não era uma Inglaterra cheia de esnobes ricos e arrogantes. Dentro dessa perspectiva, o personagem de Darcy foi suavizado, superando sua atitude esnobe rapidamente, para mostrar que a elite inglesa era formada por sujeitos simples e bem humorados como os ianques (Troost, 2007, p. 76)

Uma das cenas que podem mostrar bem essa atitude amigável de Darcy nesta adaptação acontece na festa em Netherfield, quando Darcy e Lizzy jogam arco e flecha. Enquanto ele acha que está ensinando Lizzy a manusear o arco, ela mostra sua destreza, acertando todas as flechas no centro do alvo. Lizzy tencionava ofender Darcy, mas ele é extremamente gentil com ela e até a defende quando Miss Bingley faz um comentário depreciativo. Na sequência, Lizzy vê sua família agindo de maneira vergonhosa (Mary cantando desafinadamente, Lydia bêbada e sua mãe sendo inconveniente) e ao ser humilhada por Caroline Bingley, corre para fora para chorar e é prontamente consolada por um Darcy extremamente delicado. Mesmo Lizzy mencionando Wickham, assunto sempre desagradável para Darcy, ele ainda assim é gentil com ela e até a elogia. O diálogo da cena: (*Orgulho e Preconceito* de 1940, 52:40. D=Darcy, L=Lizzy).²

D – Srta. Elizabeth, percebo que algo a perturbou.

L – Não foi nada, obrigada.

D – Tem certeza de que não há nada que possa fazer?

L – Pode deixar que eu faça papel de tola sozinha, se não se importar.

D – É difícil imaginá-la fazendo papel de tola.

L – Faço isso frequentemente. Não foi o que fiz esta tarde?

² Os diálogos de *Orgulho e Preconceito* (1940 e 2005) foram transcritos diretamente do português.

D – Admirei sua atitude esta tarde, Srta. Elizabeth. Pensou conhecer uma injustiça e agiu com coragem e lealdade. Gostaria de possuir amigos que me defendessem como defendeu o Sr. Wickham.

L – Você me confunde, Sr. Darcy. Neste momento é difícil acreditar que seja tão orgulhoso.

D – Neste momento é difícil acreditar que seja tão preconceituosa. Que tal começarmos de novo?

Esse diálogo e situação não acontecem no original de Jane Austen, onde na verdade acontece um baile e o diálogo entre Sr. Darcy e Lizzy é grave, marcado por acusações veladas, mas ofensivas. Essa cena será explorada também na adaptação de 2005. Essa breve comparação entre adaptação e original tenta mostrar a atmosfera atrativa e mais simpática adotada pelas escolhas comentadas anteriormente – como o roteiro, o elenco, o contexto histórico e as escolhas do diretor entre outras – que certamente influenciaram para que o Sr. Darcy de Laurence Olivier tivesse uma interpretação mais suave, além de um caráter mais gentil do que Austen apresenta. Outro fator crucial apontado por Cartmell deve-se ao filme ter sido baseado em uma adaptação teatral (1936) de uma das roteiristas do filme, Helen Jerome, o que empresta toques teatrais ao roteiro, além da narrativa original de Jane Austen (Cartmell, 2010, p.78).

3.2 Mr. Darcy de 2005, o Distante

A interpretação do ator inglês Matthew Macfadyen na adaptação de *Orgulho e Preconceito* de 2005 mostra um Sr. Darcy extremamente convincente e fiel às descrições feitas por Austen no original. Ele personifica o herói romântico distante e exhibe toda a arrogância e superioridade que são tão importantes para o desenvolvimento da narrativa. O personagem passa por toda uma transformação: se Darcy não fosse arrogante, antipático, frio, distante, antissocial, grosseiro – e tantas outras características apontadas por Lizzy e outros personagens da narrativa, com ou sem razão – todos os acontecimentos subsequentes, que fazem seu personagem reavaliar e mudar sua conduta não teriam sentido. Nem todas as críticas a Darcy têm fundamento, mal entendidos e sua postura superior, fazem que ele seja prejudicado.

Uma cena que pode exemplificar o contraste entre os *Darcies* apresentados até agora, além de ratificar as características descritas acima, mostra o diálogo entre Lizzy e Darcy no baile de Netherfield, enquanto dançam. (*Orgulho e Preconceito*, 2005, 38:58)

L – Adoro esta dança.

D – Certamente. É muito revigorante.

L – É sua vez de dizer algo, Mr. Darcy... Falava sobre a dança. Agora o senhor deve falar sobre o tamanho do salão ou o número de casais.

D – Fico perfeitamente feliz em atendê-la. O que preferiria ouvir?

L – Esta resposta basta pelo momento.... Pode ser que logo mais eu diga que bailes privados são muito mais agradáveis que os públicos... Por ora, podemos ficar em silêncio.

D – A Srta. fala por via de regra enquanto dança?

L – Não, eu prefiro ser insociável e taciturna... Torna tudo muito mais agradável, não acha?

D – Diga-me, a Srta. e suas irmãs caminham sempre até Meryton?

L – Sim, com frequência andamos até Meryton. É uma grande oportunidade de conhecer novas pessoas... Quando nos encontramos, acabávamos de travar um novo conhecimento.

D – O Sr. Wickham é abençoado com boas maneiras. É muito dado a fazer amizades. Se é capaz de mantê-las, já não é tão certo.

L – Que infelicidade a dele de perder sua amizade. Isto é irreversível?

D – É. Por que pergunta isso?

L – Para decifrar seu caráter, Sr. Darcy.

D – E o que descobriu?

L – Muito pouco. Ouço tantas contradições a seu respeito que me sinto confusa.

D – Espero esclarecer-lhe os fatos no futuro.

Talvez não seja tão perceptível através do diálogo, que a atitude de Darcy para com Lizzy é bem distante de ser gentil. As cenas não deixam dúvida quanto a atmosfera hostil que envolve os dois, a dança mais parece um duelo. Ele faz comentários ofensivos e ela responde com sarcasmo. Na sequência, assim como Lizzy, ele observa as atitudes inadequadas da família dela, mas nunca oferece nenhum tipo de solidariedade, como na adaptação de 1940. Cartmell também recorda-nos que esta adaptação foi criticada por oferecer um “fim alternativo” para o filme. Enquanto a audiência britânica teve um fim sem um beijo do casal, na segunda proposição de Darcy, o que estaria de acordo com as tradições da época; o público americano teve após o pedido não só o beijo, como uma cena “pós-sexo” em que conversam sobre como Darcy deveria chamá-la agora que estavam casados.

3.3 Mr. Darcy de *Noiva e Preconceito*, o Descontraído

Martin Henderson, que interpreta o Sr. Darcy na adaptação inglesa – porém com o estilo “Bollywoodiano” de músicas e danças – *Noiva e Preconceito*, de 2004, tem uma postura feliz e descontraída. Uma diferença importante é a origem dele, já que o personagem é

apresentado como vindo de uma das famílias mais ricas dos Estados Unidos. William Darcy é arrogante, convencido e intolerante com a cultura indiana, apesar de exibir um ar de *bon vivant*. Porém, nem sempre tem êxito para passar essas características, ele mais parece ser mimado e um até um pouco ingênuo. No início do filme, Darcy mal desce do avião e, ao olhar a movimentação do povo nas ruas, reclama que aquilo é um caos, enquanto seu bom amigo Balraj (Sr. Bingley) diz que é quase como Nova Iorque. E Darcy responde: “Meu deus, Balraj, que diabos de lugar é esse?”.³

Na cerimônia de casamento em que conhece Lalita (personagem equivalente a Elizabeth Bennet do original), tenta passar a impressão de que é um *workaholic*, mas na verdade parece extremamente satisfeito e risonho com Raj e sua irmã. Então começa a dança e Raj junta Darcy e Lalita, não existe a primeira recusa de Darcy para dançar com Lizzy, mas no fim da dança Darcy a deixa, sentindo-se desconcertado com as diferenças culturais. Na segunda oportunidade, sim, ele recusa-se a dançar alegando que deve voltar ao trabalho. Deixa o ambiente e a mãe de Lalita diz: “Americano rico... o que ele pensa? Que não somos bons o suficiente para ele?”.

Apesar de achar Lalita bonita e mostrar-se encantado, Darcy concorda quando Raj diz que ela não encaixaria na ideia de esposa perfeita da mãe de Darcy. Nesta adaptação, o empecilho principal ao relacionamento deles não será a tia Lady Catherine, mas a própria mãe de Darcy, que nem sequer é mencionada no original. O Darcy de Gurinder Chadha é passional e morre de ciúmes ao ver Lalita vítima dos encantos de seu desafeto *Johnny Wickham*. Os grandes desentendimentos de Darcy e Lalita estão relacionados com as diferenças culturais e nesta adaptação Lalita parece ser bem mais orgulhosa e preconceituosa que Darcy. As atuações de Martin Henderson e Aishwarya Rai (Lalita) foram criticadas, tendo o New York Times publicado que ela estava imensamente bela, porém inerte e Henderson, só inerte.

3.4 Mr. Darcy de *O Diário de Bridget Jones*, o Melancólico

Em *O Diário de Bridget Jones*, o personagem Mark Darcy, interpretado por Collin Firth, mostra algumas diferenças importantes. A primeira delas é que Darcy é divorciado. Esse fato traz um certo grau de amargura ao seu personagem, ele trata os relacionamentos com cinismo. Muitas vezes, Darcy parece até tristonho. Quase todas as situações que envolvem Darcy são sérias e dramáticas; mas, de maneira geral o filme é pontuado com ironias.

Essas características sobre o personagem podem ser verificadas na cena inicial, um almoço de natal que tem o objetivo de arranjar um pretendente para Bridget (personagem inspirada por Elizabeth Bennet). O primeiro diálogo entre Bridget e Darcy não é muito agradável, ela fala demais e ele é um pouco rude. A mãe de Darcy tenta ajudar e sem que ele saiba que Bridget está perto e escutando diz, “Mãe, não preciso que me arranje uma solteirona... com incontinência verbal, que fuma feito chaminé, bebe como um peixe e se veste igual à mãe” (*O Diário de Bridget Jones*, 2001, 04:42). Deste episódio nasce uma grande antipatia entre eles.

³ Como *Noiva e Preconceito* só estava disponível em ingles, todas as traduções desse filme são de minha autoria.

Outra diferença é a inimizade entre Darcy e Daniel Cleaver. Cleaver, que representa o Sr. Wickham de *Orgulho e Preconceito* é patrão de Bridget, foi o responsável pelo divórcio de Darcy, tornando a situação entre eles bem mais séria. Bridget tem um relacionamento com Cleaver; e Darcy, uma relação de trabalho que ficará séria mais adiante. Essa relação de Darcy com sua sócia Natasha também atesta seu desgosto com os relacionamentos, ao tentar fazer uma nova escolha mais racional.

Mais adiante, quando muito inarticuladamente tenta expressar sua mudança de atitude em relação a Bridget, Darcy é extremamente formal e sério. Mas desculpa-se por ter sido grosseiro no primeiro encontro e diz que gosta muito dela, exatamente do jeito que ela era. A partir daí a expressão de Darcy fica mais suave na presença de Bridget, representando a mesma mudança interior que é percebida no personagem da narrativa de Austen. Ele desce de sua pompa e formalidade para ajudar Bridget a cozinhar, mostrando seu lado mais à vontade e humano. Quando tentam oficializar sua relação com Natasha, Darcy sente-se constrangido e arrependido. É surpreendido com a declaração de Bridget, de que também gostava dele. Na cena final, Darcy está “reformado”, sua expressão ao interagir com Bridget é de afeto e amor.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo um dos personagens mais conhecidos e celebrados da literatura mundial, como o Sr. Darcy, não está imune à leitura e interpretação dos adaptadores, do contexto histórico e das escolhas do diretor. Em *Uma Teoria de Adaptação*, Hutcheon afirma que, “Assim como não existe tradução literal, não pode existir adaptação literal (...) Portanto, adaptadores são primeiro intérpretes e depois criadores” (Hutcheon, 2006, p.16-18). Analisando as quatro adaptações sob esta perspectiva, é possível perceber que encontramos quatro versões do mesmo personagem, cada um com suas especificidades e agindo de acordo com esses fatores. Por exemplo, as duas adaptações que tinham como audiência alvo o público jovem – *Orgulho e Preconceito* de 2005 e *Noiva e Preconceito* – optaram por atores mais jovens para interpretar o casal protagonista.

O produto final dessas adaptações deve-se aos fatores já mencionados. *Orgulho e Preconceito* de 1940 apostou no charme das tradições britânicas rurais para mostrar um povo simpático e simples, com o qual os americanos pudessem identificar-se. A maior preocupação de *Orgulho e Preconceito* de 2005 era não parecer com a adaptação televisiva da BBC de 1995 e o personagem de Darcy aparece menos, já que o roteiro foi escrito sob a perspectiva de Elizabeth Bennet. *Noiva e Preconceito* está imerso na cultura indiana e as divergências entre Darcy e Lalita serão na maior parte culturais. *O Diário de Bridget Jones* é a adaptação que mais foge dos eventos da narrativa de Austen, introduzindo um universo criado por Helen Fielding, que admite ter “saqueado o enredo” de *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen.

Todas essas particularidades fizeram com que não apenas o personagem do Sr. Darcy sofresse modificações nas quatro adaptações, muitos outros personagens da narrativa original aparecem um pouco diferentes – uns nem mesmo existem, outros foram acrescentados – mas dado o caráter central que o Sr. Darcy possui na narrativa do original, essas diferenças se fazem mais pronunciadas e importantes. Com algumas semelhanças e muitas diferenças, cada adaptação apresentou o seu Sr. Darcy para contemplar suas escolhas e necessidades.

5. REFERÊNCIAS

- AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**, São Paulo: Editora Landmark, 2012.
- CARTMELL, Deborah. **Screen Adaptations**. Jane Austen's Pride and Prejudice: The Relationship Between Text and Film. London: Methuen Drama, 2010.
- CHADHA, Gurinder. **Noiva e Preconceito** (Bride and Prejudice). Reino Unido/Estados Unidos. Miramax, 2004.
- DARGIS, Manohla. **Mr. Darcy e Lalita, Singing and dancing**. The New York Times, New York, 11/02/2005. <<http://movies.nytimes.com/movie/306118/Bride-and-Prejudice/overview>> Data de acesso: 10/08/2013
- HUTCHEON, Linda. **A theory of adaptation**. Nova Iorque: Routledge, 2006.
- LEONARD, Robert. **Orgulho e Preconceito** (Pride and Prejudice). Estados Unidos. MGM, 1940.
- MAGUIRE, Sharon. **O Diário de Bridget Jones** (Bridget Jones's Diary). Reino Unido/França. Universal Studios/Studiocanal/Miramax, 2001.
- McFARLANE, Brian. **Novel to film**. An Introduction to the Theory of Adaptation. Oxford: Chalenden Press, 1996.
- TROOST, Linda. **The Cambridge Companion to Literature on Screen**. Cambridge University Press, 2007.
- WRIGHT, Joe. **Orgulho e Preconceito** (Pride and Prejudice). Estados Unidos. Universal Studios, 2005.